

O QUE TEM EL-REI D. SEBASTIÃO A VER COM A IGREJA MATRIZ E A RIBEIRA DA MARIA DELGADA?

Nos longínquos dias 5 e 6 dos mês de janeiro ano de 1573, quando El Rei D. Sebastião passou por Castro a caminho do Reino dos Algarves, com toda a sua comitiva, para desenvolver as necessárias obras de fortificação nos portos marítimos do sul para obstar à invasão e entrada dos mouros em território ganho à custa de muito sangue, a ponte sobre a Maria Delgada ainda não tinha sido, sequer, sonhada. A ribeira, essa já por ali fazia o seu caminho desde o princípio do mundo e a estrada real de terra batida que a atravessava, mais coisa, menos coisa, andaria pelo sítio onde séculos depois a atual ponte foi arquitetada. Mas, como se sabe e rezam as crónicas, El Rei de véspera pernitoou na vila de Entradas porque aqui não havia casa condigna para o receber, a ele e aos seus fidalgos e acompanhantes. Na chegada, a população de Castro saiu-lhe ao caminho e recebeu-o festivamente com uma exibição que por cá era tradição - a dança das espadas. Deteve-se El-Rei em Castro o tempo bastante para ir a S. Pedro das Cabeças pisar e beijar o chão onde o seu antecessor primeiro, Afonso Henriques, havia ganho a afamada peleja contra os cinco reis mouros. De lá trouxe a inspiração, quem sabe, para mias tarde ir tentar igual feito no norte de África mas, em Alcácer Quibir, as contas saíram-lhe furadas. Da visita a Castro, constatou o que já lhe haviam informado, a ausência total que qualquer monumento que lembrasse e assinalasse o glorioso feito da " jornada do Campo de Ourique". Para além de uma singela capelinha filial da Matriz de N^a Senhora da Graça da Vila de Padrões, onde se dizia ter vivido o ermitão Leovigildo Pires de Almidra, também ele protagonista na lenda do Milagre de Ourique, nada mais havia por aqui a registar. Foi então logo por ele determinado que no lugar da velhinha ermida se erigisse uma igreja condigna, " avantajada e grandiosa" para assinalar a glória cá alcançada pelo rei primeiro, do qual D. Sebastião era fervoroso admirador. Ao mestre André de Resende foi encomendado um arco triunfal, louvando a glória alcançada na batalha, com dizeres conhecidos e registados no Liv. IV de "Antiquit. Lusitan.", o qual deve ter desaparecido aquando das grandes obras da sua ampliação mandadas fazer por El-Rei D. João V , o qual deu à obra final o título de Basílica Real. Bem, mas voltemos à ribeira e à ponte da Maria Delgada, à saída de Castro para Almodôvar, a tal que ainda não existia nem se sonhava com ela, mas que já bastante falta tinha feito ao Rei Moço. Enquanto o D. Sebastião por cá andou armou-se uma grande trovoada e depois deu em chover, daquela que parece ser derramada a cântaros. O certo é que a Maria Delgada levava uma grande enxurrada quando toda a comitiva ia a passar, a vau, forçosamente. Criadagem e fidalgos da casa real, assim como a liteira do próprio D. Sebastião fizeram-se à água porque acharam que a ribeira não era profunda e eles eram todos garbosos cavaleiros que tinham uma missão a cumprir e não era uma mera ribeirada que podia travá-los. Mas o certo, é que a água lhes pegou e

arrastou ribeira a baixo, à mistura com os cavalos e a traquitana toda. Foi, talvez, o prenúncio da desgraça maior de Alcácer Quibir em que o nosso rei não se limitou a apanhar um resfriado.